manchete

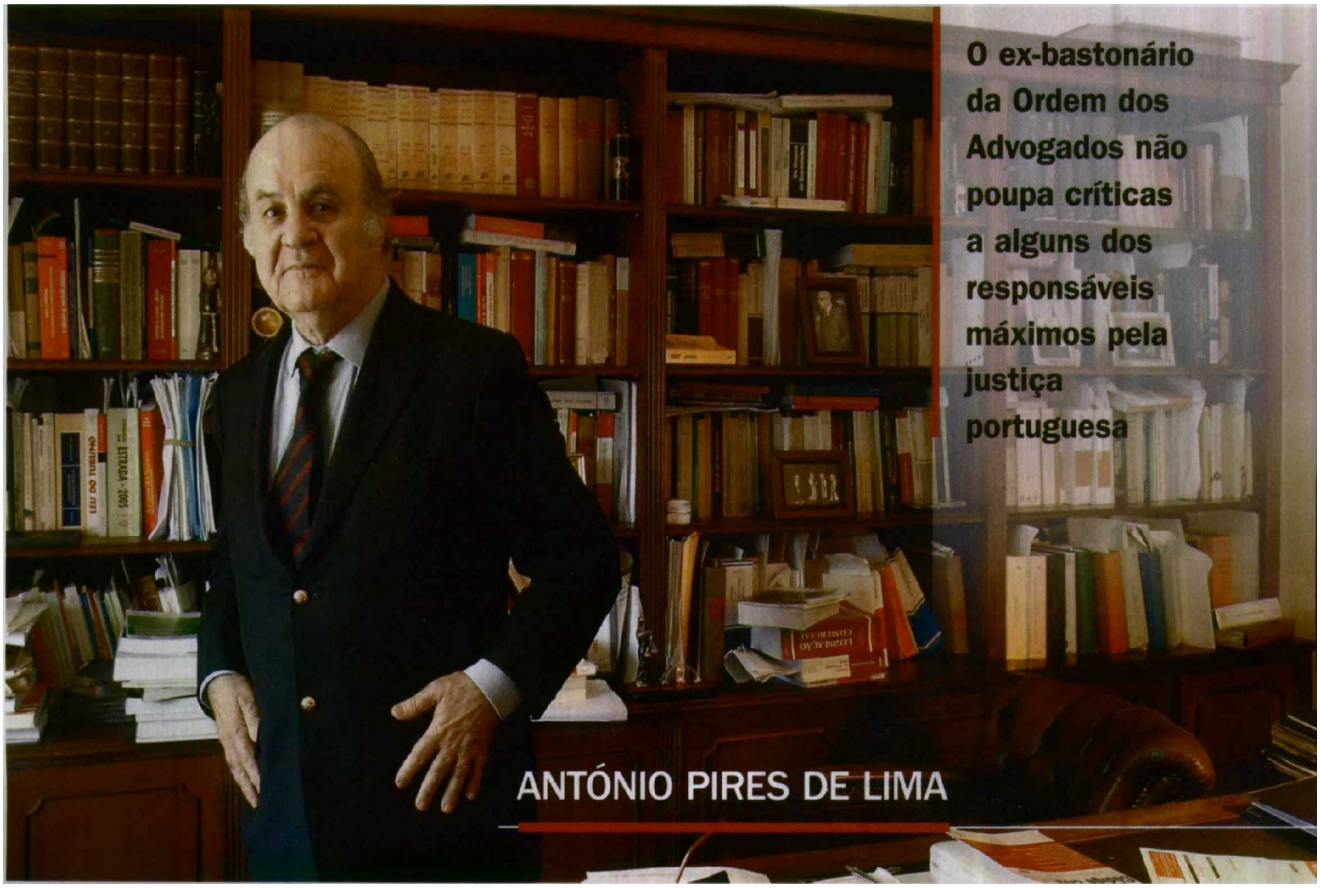
Focus

13-10-2010

Periodicidade: Semanal
Classe: Informacão Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 34122

Temática: Justica
Dimensão: 1121
Imagem: S/Cor
Página (s): 13 a 15

"Não acredito no Ministério Público"



António Pires de Lima. Polémico e provocador, o conhecido advogado acusa a directora do DCIAP, Cândida Almeida, de não ter "categoria profissional" para ocupar nenhum cargo de coordenação, diz que o ex-ministro, Alberto Costa, é "um ignorante puro" e afirma que o actual titular da pasta, Alberto Martins, não sabe nada sobre justiça. Pires de Lima, que faz 74 anos a 30 de Outubro, defende que a instituição precisa de uma mudança radical.

Focus – ***Criticou a escolha de Alberto Martins para o Ministério da Justiça. Um ano depois confirma-se essa falta de confiança no actual ministro?***

António Pires de Lima – Penso que está absolutamente confirmado que ele não faz, nem quer fazer, nada pela justiça. Nem é o papel dele vir a fazer qualquer coisa que seja para resolver os problemas. Nunca ouvi falar que este ministro soubesse alguma ▶

INCISIVO
"A dra. Cândida Almeida [directora do DCIAP] deveria ter ido imediatamente para o olho da rua"

manchete

Focus	Periodicidade: Semanal	Temática: Justica
	Classe: Informacão Geral	Dimensão: 1121
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
13-10-2010	Tiragem: 34122	Página (s): 13 a 15

PERFIL

ANTÓNIO PIRES DE LIMA 73 ANOS

- Nasceu na freguesia de Santa Maria Maior, no concelho de Barcelos. Foi bastonário da Ordem dos Advogados entre 1999 e 2001. Licenciou-se em Direito no ano de 1958, na Universidade Clássica de Lisboa.
- Pires de Lima foi fundador da Fundação Luso-Espanhola e da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Espanhola e actualmente é presidente da Assembleia-Geral da Casa de Espanha. Foi ainda vice-presidente da Cruz Vermelha.
- É casado e tem quatro filhos.

▶ coisa sobre a justiça, mas está na linha das escolhas deste Governo.

Focus – *Alberto Costa também não foi um bom ministro?*

A. P. L. – O Alberto Costa era um ignorante puro, mas puro mesmo. Talvez com alguma má-fé, mas sobre isso não posso fazer afirmações. Basta ver, por exemplo, a desorganização que ele instalou nos tribunais de trabalho.

Focus – *As alterações feitas nas leis penais também acabaram por ter efeitos negativos?*

A. P. L. – As consequências estão à vista. Julgamentos que se arrastam anos e anos com facilidades nas defesas que não se compreendem, com prescrições, com ausências completas de investigação...

Focus – *As mudanças estão a favorecer as pessoas que cometem crimes?*

A. P. L. – Favorecem a ocultação dos criminosos.

Focus – *Gostava que a Ordem dos Advogados tivesse uma posição mais firme em relação ao Governo?*

A. P. L. – A Ordem dos Advogados está, através do senhor bastonário, a fazer o favor ao primeiro-ministro de manter a confusão. Penso que devia ser feito um diagnóstico do que se está a passar na justiça, mas essa análise tem de ser feita tribunal a tribunal e por especialidades. Os problemas são diferentes e as soluções não podem ser gerais, como têm sido.

Focus – *Acha mesmo que Marinho Pinto está a fazer um favor ao Governo?*

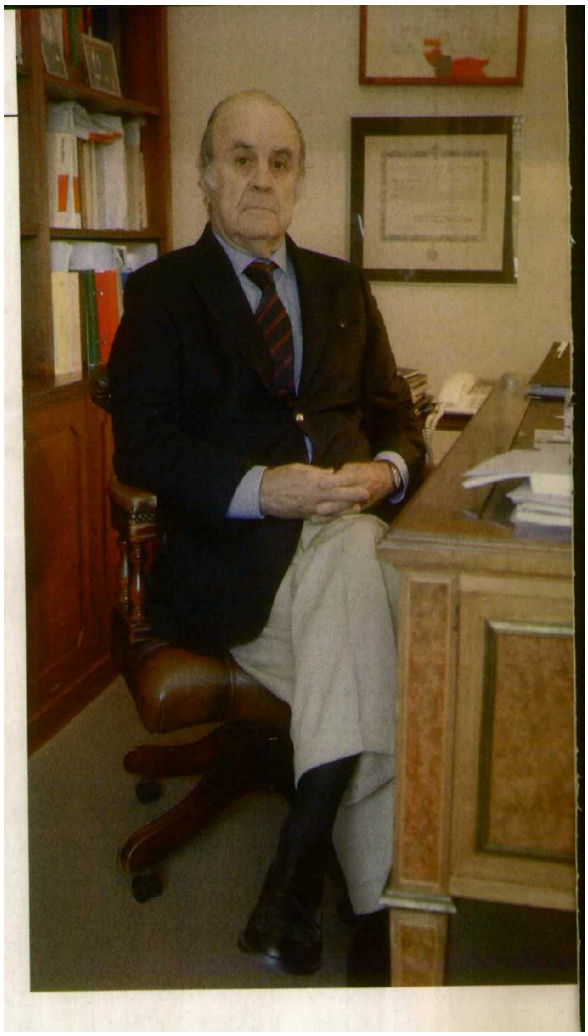
A. P. L. – Um favor e um frete. A palavra mais adequada é um frete. Está a pactuar com toda esta situação, que é calamitosa.

Focus – *O bastonário argumenta que o poder judicial está empenhado em derrubar José Sócrates porque o Governo tocou em alguns privilégios da corporação.*

A. P. L. – Tenho uma ideia da magistratura completamente diferente daquela que tem o bastonário. A magistratura não está interessada em derrubar ninguém. Está interessada em produzir resultados. E a verdade é que, em alguns casos, esse trabalho é feito e não é reconhecido.

Focus – *Como é que viu o desfecho do caso Freeport com o procurador-geral da República a criticar o despacho e os magistrados do Ministério Público a dizerem que não os deixaram investigar mais?*

A. P. L. – Não percebo como é que em seis anos não há tempo para fazer uma investigação e também nunca tinha visto na minha vida, em mais de 50 anos de advocacia, um despacho a acusar a hierarquia de não lhe ter permitido fazer determinadas indagações que queria ter feito.



Focus – *Nesse sentido compreende as declarações do procurador-geral da República, que disse nunca ter conhecido um despacho igual.*

A. P. L. – O dr. Pinto Monteiro é uma pessoa com muitas qualidades, mas não sei qual foi a intervenção dele. Sei que quando há um pacto entre os procuradores, pelo menos foi o que veio a lume, para não se fazerem determinadas perguntas (ao primeiro-ministro), que os procuradores consideravam essenciais e a hierarquia permite que esse pacto se formalize, eu deixei de acreditar na pessoa da directora do DCIAP (Departamento Central de Investigação e Acção Penal), a dra. Cândida Almeida.

Focus – *Devia ter sido demitida?*

A. P. L. – Devia ter ido imediatamente para o olho da rua. Eu, como advogado, não aceito fazer mais nenhuma participação ao Ministério Público em representação de quem quer que seja, nem mesmo de homicídio, porque tenho muito receio de que um

manchete

Focus

13-10-2010

Periodicidade: Semanal
Classe: Informacão Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 34122

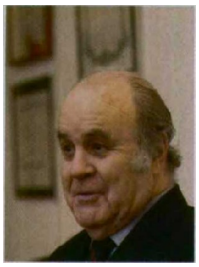
Temática: Justica
Dimensão: 1121
Imagem: S/Cor
Página (s): 13 a 15

POLÉMICO
Para António Pires de Lima, o actual bastonário da Ordem dos Advogados, Marinho Pinto, está a "fazer um frete ao Governo"

pacto possa resolver o assunto de uma maneira diferente daquilo que é a procura de uma verdadeira justiça. Não compreendo a atitude do procurador-geral da República, uma pessoa pela qual tenho muita admiração, de confirmar a dra. Cândida Almeida num posto que ela não tem categoria profissional para exercer. Uma pessoa que faz um pacto destes não está em condições de coordenar o que quer que seja na justiça.

Focus – *Na opinião pública existe a ideia de que os processos que envolvem políticos ou pessoas poderosas dificilmente têm consequências.*

A. P. L. – É verdade que existe essa ideia na opinião pública e as pessoas começam a ter muita razão. Quando assistimos a certos casos de prescrição. Quando assistimos àquele espectáculo dos senhores deputados invadirem a penitenciária para levarem um colega (Paulo Pedroso) aos ombros para dentro da Assembleia da República...



"Não acredito na sinceridade dos políticos. O exemplo máximo é a Assembleia da República, que tem meia dúzia de pessoas que falam, algumas até dizem algumas coisas e o resto é claque"

Focus – *Acha que foi um excesso dos deputados do PS?*

A. P. L. – Foi um momento deplorável e que deixou marcas em toda a gente e especialmente em quem está na vida jurídica há muitos anos. Não me lembro de tanta degradação, de tanta interferência da política.

Focus – *O caso da Casa Pia foi alvo de todas as polémicas. Partilha a ideia de que demorou muito tempo?*

A. P. L. – Foi um processo muito demorado e parece-me que há uma generalização de penas, que não corresponde à desigualdade das situações. Não me admiraria que o Tribunal da Relação viesse a pensar uma coisa diferente em relação a determinados casos.

Focus – *Já o ouvi elogiar alguns aspectos da justiça no tempo da ditadura. A justiça funcionava melhor antes do 25 de Abril?*

A. P. L. – Sem dúvida. Funcionava tão bem ou tão mal que à parte dos magistrados dos plenários, só esses foram afastados, todos os outros se mantiveram.

Focus – *Mas havia os tribunais plenários, a censura...*

A. P. L. – Os tribunais plenários ficam como um mau exemplo, porque julgaram as pessoas pelas suas ideias. E havia um certo facciosismo e também as medidas de segurança, que eram aspectos negativos, mas não sei se hoje em dia não se praticam outras coisas que têm muita semelhança com isso.

Focus – *Mas isso não é o suficiente para que a justiça fosse má?*

A. P. L. – A situação dos plenários é apontada, mas não é apontada a dos tribunais criminais. Por exemplo, um indivíduo era preso preventivamente e era julgado três meses depois. Hoje um preso preventivo está lá 18 meses, quando não está preso dois ou três anos.

Focus – *Mas há mais pessoas a recorrer à justiça.*

A. P. L. – Sim, mas também há cada vez mais gente a desistir de recorrer à justiça.

Focus – *Já chamou aldrabão de feira a José Sócrates e é geralmente muito crítico em relação aos políticos. Não acredita na classe política?*

A. P. L. – Não, não acredito na sinceridade dos políticos. O exemplo máximo é a Assembleia da República, que tem meia dúzia de pessoas que falam, algumas até dizem algumas coisas e o resto é claque. Estão lá a bater palmas. Há mesmo alguns que estão lá só à espera do ordenado ao fim do mês. E são pessoas que têm a capacidade de estar sentadas num sítio sem fazer nada durante um dia inteiro. Não tenho consideração pela classe política.

Focus – *É um homem de direita?*

A. P. L. – Tenho essa fama. Gostaria de ser de direita, mas não sei onde ela está. O que acho é que seria útil uma mudança de mentalidades. Se um primeiro-ministro tivesse uma linha de pensamento consentânea com aquilo que é a honestidade, tudo seria diferente. É difícil aparecer alguém em quem eu acredite, mas tenho de ter esperança.

Focus – *Não acredita que Pedro Passos Coelho possa ser um bom primeiro-ministro?*

A. P. L. – Não tenho esperança nenhuma. É uma pessoa voluntariosa, mas talvez por isso está a espalhar-se. Essa coisa da Constituição... Só quem não tem experiência é que acredita que os problemas se resolvem através da Constituição, que nunca, em nenhuma altura, foi cumprida. Nem a Constituição de 1933.

Focus – *Está mais próximo do CDS?*

A. P. L. – Não, não. Um partido que se bate por cinco ou seis por cento não é um partido, é um bocadinho. É um bocadinho de qualquer coisa. E se voltar ao Governo é por clientelismo. Isto com todo o respeito por aquilo que pensa o meu filho António (António Pires de Lima, que foi vice-presidente do CDS). Vou dizer-lhe uma coisa: Tenho uma admiração muito grande pela coerência dos princípios do Partido Comunista, embora nem por sombras seja comunista. Sou católico. Mas acho uma coisa extraordinária a coerência do PCP. ■

LUÍS CLARO (TEXTO) E JORGE FIRMINO (FOTOS)